

Uma Proposta Alternativa para a Prática de Ensino

*Vera M Tietzmann Silva **

A PRÁTICA DE ENSINO NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

De conformidade com a legislação vigente, os alunos das licenciaturas cumprem, nos últimos períodos de seu curso, a exigência do estágio supervisionado, cursando a disciplina "Prática de Ensino" relativa à matéria de sua habilitação. Para os alunos de Letras, são oferecidas "Prática de Ensino de Português" e "Prática de Ensino de Inglês", a primeira para os licenciandos em Língua Portuguesa, a segunda para os licenciandos em Língua Inglesa e ambas para os de dupla licenciatura. As 120 horas destinadas ao estágio, que equivalem a 8 créditos, concentram-se em um único semestre, nos currículos até agora vigentes¹. Os créditos compreendem quatro horas de atividades em classe, como metodologia do ensino da língua, e outras tantas no campo de estágio, como prática propriamente dita. O mesmo docente desempenha as funções de professor de metodologia e supervisor de estágio.

Um dos maiores problemas que afligem os professores de prática em todas as instituições concerne à disponibilidade de carga horária para o atendimento aos alunos. Outro deles refere-se à distribuição dos estagiários por escolas-campo. Na Universidade Católica de Goiás, o primeiro desses entraves está chegando a uma solução desde que o Departamento de Educação se posicionou por uma padronização de carga horária dos docentes envolvidos em estágios. Em princípio, nenhum professor de Prática de Ensino restringe suas atividades a essa única disciplina, tampouco acumula duas turmas de estagiários. A primeira

* Professora da Universidade Católica de Goiás e da Universidade Federal de Goiás.

restrição visa a evitar que o professor rompa o vínculo com o departamento de origem e, em consequência disso, perca a perspectiva de sua disciplina em relação ao conjunto das matérias que compõem o currículo pleno do licenciando. Assim, o docente de Prática ministra também uma ou mais disciplinas teóricas, estando lotado concomitantemente no Departamento de Educação e no departamento original, por exemplo, o professor de Prática de Ensino de Inglês também leciona Língua ou Literatura Inglesa, o de Português, Linguística ou Literatura Brasileira, e assim por diante. A distribuição-padrão da carga horária dos docentes de Prática de Ensino é a seguinte:

Regime de Trabalho	c.h. semanal	Deptº de Educação	Deptº origem
Tempo Contínuo 1	26 horas	1 Prática de Ensino	1 disc. teor.
Tempo Contínuo 2	36 horas	1 Prática de Ensino	2 disc. teor.
Tempo Integral	44 horas	1 Prática de Ensino	3 disc. teor.

Dessa forma, o docente dispõe em média de 18 horas semanais para a Prática de Ensino. Considerando que cada turma tem um máximo de quinze alunos matriculados, a disponibilidade do professor para o atendimento aos estagiários tem sido considerada bastante satisfatória.

Por outro lado, o segundo problema a que se fez referência, o da distribuição dos estagiários por campos, ainda não pôde ser equacionado de maneira definitiva. A UCG não dispõe de um colégio de aplicação, o que já se constitui numa primeira dificuldade. Essa deficiência vem sendo contornada por meio de um convênio recentemente firmado entre a Universidade Católica de Goiás e o Município de Goiânia², prevendo a utilização das escolas da rede municipal como campos de estágio para os diversos cursos. Divergências de calendário escolar somadas a imprevistos, tais como greves e paralisações, têm dificultado a efetiva sintonia entre as atividades de prática desenvolvidas na Universidade e no campo de estágio.

2 A PROPOSTA DE ESTÁGIO DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

A partir de 1981, através de sucessivos documentos de circulação interna,³ o Departamento de Educação procurou disciplinar e sistematizar a atuação de docentes e estagiários na Prática de Ensino. Fruto de numerosas discussões, o primeiro desses documentos declarava:

o estágio deve efetivar-se como instrumento de integração entre as funções explícitas que a Universidade é chamada a assumir: o ensino, a pesquisa e a extensão. Esta integração entre as três atividades estaria diretamente relacionada à relação entre a teoria e a prática e, conseqüentemente, à formação de profissionais qualificados nos vários campos do conhecimento.⁴

Mais adiante, discriminava-se a forma de viabilizar essa integração entre as funções da Universidade:

No nosso ponto de vista, estaríamos desenvolvendo ensino, enquanto estudamos a realidade; pesquisa, enquanto coletamos dados, direcionando os resultados de forma a possibilitar e facilitar a intervenção na realidade; e extensão, enquanto prestamos serviço à comunidade e trabalhamos com esta comunidade a fim de ajudá-la a encontrar soluções.⁵

O estágio, visto sob esse enfoque novo, deixou de ser uma etapa de acomodação do futuro professor às exigências do sistema escolar para tornar-se um momento de avaliação crítica do funcionamento das instituições, com possibilidades de interferência e renovação nesse sistema. O documento mais recente explicita as etapas de atuação do estagiário na escola, a saber:

- Observação participante para apreensão da realidade escolar (diagnóstico);
- monitoria como assessoria ao professor da turma (semi-regência);
- desempenho do exercício da docência com todos os elementos que a compõem. (regência)⁶

Ainda que, em teoria, as sucessivas propostas de estágio objetivem um trabalho efetivamente profícuo e renovador nas escolas-campo, a prática tem impedido a real consecução dos

objetivos, pelo menos na experiência que temos tido na área de letras, devido a fatores diversos, relacionados ao estagiário, ao supervisor, à escola-campo e ao professor de classe.

De um modo geral, quando se planeja uma atividade, ou quando se propõe um currículo de curso universitário, parte-se de um princípio falso, o de que a única ocupação de nosso aluno é o estudo. De fato, estudar, para a grande maioria dos alunos, constitui-se numa atividade relegada a segundo ou terceiro plano, comprometidos que estão, primeiramente, em assegurar a subsistência própria e de sua família. Nos cursos de licenciatura, então, a situação parece agravar-se. Raros são os alunos que dispõem de tempo livre para dedicar-se às atividades previstas nas disciplinas curriculares ou nas propostas de estágio. O escasso tempo que lhes resta entre as aulas na universidade e o registro do ponto em seu local de trabalho dificilmente coincide com os horários sempre instáveis da escola-campo. Desse problema inicial decorre uma consequência óbvia: a multiplicação dos campos de estágio, o que, por sua vez, vai constituir um problema para o supervisor. Para este, supervisionar os estagiários dispersos em às vezes até dez campos diferentes torna-se oneroso e desgastante.

Com relação aos campos de estágio, além das flutuações de horário e das interrupções eventuais, devidas a paralisações e greves, a que já se aludiu aqui, outras dificuldades surgem. A inexistência de um colégio de aplicação obriga docentes e estagiários a utilizarem-se das instituições da comunidade. Em Goiânia, observa-se, como um todo, uma significativa diferença de qualidade entre as instituições particulares, mais bem dotadas de recursos e de elementos humanos, e as públicas, sempre restringidas em suas aspirações por um orçamento curto. Ainda que não exista nenhuma restrição aberta, tacitamente percebe-se uma forte resistência das escolas particulares em aceitar estagiários em suas dependências. Assim, já de início, o estagiário defronta-se com a dura realidade do ensino público e sua problemática. Essa circunstância atinge mais de perto os estagiários de língua estrangeira, que subitamente dão-se conta das diminu-

tas condições de exercerem uma atividade docente produtiva em tal contexto.

Um último fator que interfere na execução da proposta de estágio é o relacionamento entre o estagiário e o professor de classe na escola-campo. A presença do estagiário na sala de aula quase sempre é vista como uma intromissão, mesmo por aqueles docentes que, pouco tempo antes, vivenciaram a mesma situação sendo eles, na época, estagiários. Raras vezes tem havido uma real sintonia entre estagiário e o professor de classe, numa interação benéfica a ambos. O período de monitoria, que se pretendia ser útil para as duas partes, freqüentemente transcorre num clima formal, senão constrangedor. Chegado o momento da regência, observa-se no professor de classe dois tipos dominantes de comportamento: ou ele desaparece de cena, deixando o estagiário assumir a turma como bem entender, ou, ao contrário, priva-o de toda a liberdade, permitindo-lhe apenas dar aulas de revisão de conteúdo, ou inócuas atividades de leitura e redação.

Somando-se todos esses fatores aqui apontados, constata-se que, salvo casos isolados, não tem sido possível cumprir na íntegra a proposta tão cuidadosamente elaborada pelo Departamento de Educação. As variáveis que se apresentam como obstáculos à consecução dos objetivos dessa proposta, conforme se viu, escapam ao controle do professor de Prática de Ensino e da própria Universidade. Existe todo um complexo conjuntural por detrás da atuação do estagiário e por detrás da precariedade da escola pública, que nem as melhores intenções e os mais minuciosos projetos conseguem superar. Como fórmula alternativa para contornar alguns dos problemas encontrados, propomos, no âmbito específico da Prática de Ensino de Português, uma outra forma de estágio, a vigorar experimentalmente nos próximos semestres letivos na Universidade Católica de Goiás.

3. UMA PROPOSTA ALTERNATIVA PARA A PRÁTICA DE ENSINO DE PORTUGUÊS

Em substituição à prática tradicional, constando de observação monitoria e regência, propomos a execução de um projeto no campo de estágio, nos dois últimos meses do semestre letivo⁷. O

teor do projeto deve ser previamente trabalhado em classe, na Universidade, sob a orientação do professor de Prática de Ensino, para que o grupo de estagiários se sinta capaz de atuar com relativa segurança ao executar o projeto na escola-campo.

Um projeto predeterminado⁸ oferece uma série de vantagens sobre o estágio tradicional. O estagiário sente-se mais seguro por receber uma orientação prévia e por trabalhar em grupo, além de ver com mais nitidez um significado em sua intervenção na escola. Mais do que cumprir uma exigência curricular, o estagiário vislumbra no projeto a possibilidade de realizar uma tarefa que tem unidade, com objetivos, metas e terminalidade. Como se pretende que cada projeto esteja a cargo de um grupo de estagiários, essa forma de trabalho reverte em vantagem para o supervisor, que tem, assim, os campos de estágio diminuídos para três ou quatro, no máximo.

No âmbito da escola-campo, o estágio através da execução de um projeto também oferece algumas vantagens. O professor da classe, por exemplo, cede uma aula semanal em duas salas de 5ª ou 6ª séries durante dois meses ao grupo de estagiários. Isso representa um alívio em sua jornada de trabalho e elimina a idéia de intromissão que a regência tradicional dá. Suas aulas prosseguem normalmente, enquanto o grupo atua nas salas com um esforço paralelo a sua disciplina. Os alunos da escola, por sua vez, recebem um estímulo extra através de um reforço menos formal (e talvez, por isso mesmo, mais eficaz) ao aprendizado da língua portuguesa. Além disso, na medida do possível, os projetos a serem desenvolvidos devem propiciar uma meta em termos concretos, que redunde em um bem legado ao patrimônio escolar, na forma de livros, jogos, etc.

A substituição do estágio tradicional por um projeto específico implica algumas alterações na sistemática de ministração da disciplina Prática de Ensino. A utilização da carga horária total, segundo a proposta de estágio até agora vigente, prevê sua distribuição homogênea, tanto no espaço como no tempo, ou seja, tanto entre as atividades levadas a efeito na UCG e no campo de estágio, quanto no decorrer dos quatro meses letivos. O seguinte quadro patenteia bem isso:

MÊS	1º	2º	3º	4º
15 h UCG	15 h Metodologia Ensino Port.	15 h Metodologia Ensino Port.	15 h Metodologia Ensino Port.	15 h Metodologia Ensino Port.
Campo	15 h Observação	15 h Semi-Regência	15 h Semi-Regência	15 h Regência
CH	30 horas	30 horas	30 horas	30 horas

A adoção do trabalho em grupo por projetos supõe uma fase de preparação prévia mais intensiva e um conseqüente retardamento na ida ao campo de estágio. A carga horária total destinada à disciplina permanece a mesma, contudo sua distribuição sofre modificações, conforme se pode visualizar no esquema seguinte:

MÊS	1º	2º	3º	4º
UCG	15 h Metodologia e Orientação de Projeto	15 h Metodologia e Orientação de Projeto	15 h Metodologia e Orientação de Projeto	
	15h Grupos de Estudo e Pesquisa	15h Grupos de Estudo e Pesquisa	15 h Grupos de Estudo e Pesquisa	
Campo			15 h Execução do Projeto	15 h Execução do Projeto
C.H.	30 horas	30 horas	45 horas	15 horas

A primeira faixa das atividades desenvolvidas na UCG compreende as aulas de metodologia do ensino de língua portuguesa, restringidas em sua extensão, e acrescidas da orientação aos projetos. Incluem-se nesse horário também as

mini-aulas, como um exercício à docência tradicional, para compensar a falta da regência na escola-campo. A segunda faixa de atividades previstas para serem desenvolvidas na Universidade compreende reuniões dentro ou fora de sala de aula envolvendo os estagiários por grupos, de acordo com os projetos em que se inserem. Essas reuniões visam a coletar dados, discutir métodos de ação, viabilizar as propostas contidas no projeto e preparar material para o trabalho em classe. O professor de Prática de Ensino deve providenciar um horário de atendimento para auxiliar os grupos na medida do necessário.

Na escola-campo, observam-se outras alterações, diferenciando este estágio alternativo do tradicional. Segundo se verifica no confronto entre os dois quadros precedentes, o estagiário permanece na escola durante dois meses, e não durante quatro. Lá chegando, assume de imediato uma posição ativa, diferente, portanto, da atuação relativamente passiva que costuma caracterizar as fases de observação e de monitoria. Em sala de aula ele vai trabalhar em grupo com seus colegas, numa atividade de caráter menos formal que o da aula expositiva costumeira. A relação estabelecida entre estagiário e professor de classe também deverá ser marcadamente melhor, visto que o grupo passa a exercer uma atividade complementar, e não substitutiva, às aulas regulares. Prevê-se para cada grupo a responsabilidade por uma aula semanal em duas turmas de 4ª, 5ª ou 6ª séries durante dois meses. Das quinze horas destinadas mensalmente à atuação do grupo na escola-campo, oito são despendidas de fato em sala de aula, sendo as restantes destinadas ao atendimento dos alunos da escola.

Com referência ao assunto a ser desenvolvido nos ditos projetos, um leque muito amplo de opções se oferece. Todas as atividades que propiciem uma motivação para a língua portuguesa e todas as que reforcem as habilidades ligadas à percepção ou expressão da linguagem encontram um espaço adequado nos projetos que se pretendem implantar. Portanto, atividades ligadas à leitura, combinadas ou não com o programa "Ciranda de Livros", podem vir a ser desenvolvidas por um grupo de estagiários, criando-se na classe um "Clube de Leitura". Esse tipo de atividade possibilita prosseguimento em semestres subsequentes.

cabendo a cada grupo delimitar a sua área específica de atuação, seja a partir de aspectos técnicos (leitura silenciosa, ou expressiva, ou intensiva, etc.), seja a partir de restrições ao corpus escolhido (por autores, ou por temática, ou por épocas, etc). Se a leitura atende à estimulação da capacidade perceptiva auditiva e visual (leitura oral e silenciosa, respectivamente), trinando, pois, o "ouvir" e o "ver", a capacidade expressiva do aluno também poderá ser incentivada através do trabalho dos estagiários. Oralmente, através da chamada "aula da fala", e, por escrito, através de programas de redação. Estimulam-se, dessa maneira, as habilidades de "falar" e "redigir".

A menção a projetos de treinamento de redação pode causar certa estranheza, já que se deu muito realce ao fato de a atuação do estagiário não interferir na rotina do professor da escola-campo. Pensou-se em desenvolver apenas alguns tipos específicos de redação que, em geral, o professor não chega a incluir em seu programa habitual. São, por exemplo, as redações em quadrinhos, a redação de textos dialogados para posterior dramatização, a criação de histórias infantis para leitura em salas de primeira fase, a redação de textos de comunicação (bilhete, carta, telegrama), e outros.

Além disso, cogitou-se também reforçar alguns tópicos gramaticais de modo agradável ao aluno. Por exemplo, ensinar os radicais gregos mais comuns através de seu reconhecimento nas embalagens de remédios; fazer treino ortográfico utilizando como suporte e motivação textos de Cecília Meireles (*Ou isto ou aquilo*) e Orígenes Lessa (*As letras falantes*); fixar as noções de processos de formação de palavras pela confecção de cartazes com "famílias de palavras, e assim por diante. A seguir, será mostrado um projeto nesse sentido, visando a reforçar aspectos gramaticais da Língua portuguesa através de atividades recreativas.

4 PROJETO DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO EM LÍNGUA PORTUGUESA PROJETO Nº 1 — ATIVIDADES LÚDICAS

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Jogos de mesa como reforço à língua portuguesa

Responsáveis: grupo de cinco estagiários matriculados em Prática

de Ensino de Português e supervisora de estágio da mesma disciplina, profa. Vera Maria Tietzmann Silva (LET/EDU)

Escola-campo: Escola Estadual Aécio de Andrade

Localização: Setor Urias Magalhães, Goiânia GO

Classe: 5^{as} séries do turno vespertino

Duração: um semestre letivo (fase de preparação: dois meses, na Universidade; fase de execução: dois meses na escola-campo)

JUSTIFICATIVA

As disciplinas curriculares em geral apresentam-se para o aluno de forma pouco atraente, senão monótona. O caráter formal em que costuma transcorrer o processo ensino-aprendizagem nas aulas regulares faz com que os exercícios de fixação, por seu caráter obrigativo, criem empecilhos ao seu próprio objetivo de fixar conhecimentos recém-adquiridos. Jogos e brincadeiras podem exercer o papel de atividades fixadoras destituídas da pecha de obrigatoriedade, transformando-se em reforço pedagógico e elemento gerador de prazer para o educando. Sob essa perspectiva, justificam-se as atividades lúdicas como reforço à fixação de conhecimentos de língua portuguesa.

JETIVOS

A utilização de jogos em sala de aula tem três objetivos principais, a saber: motivação para a disciplina Língua Portuguesa; fixação de conteúdos gramaticais dessa disciplina ou ampliação do vocabulário; e recreação.

METAS

Confecção de jogos de mesa versando sobre assuntos de língua portuguesa, tais como processos de formação de vocábulos ou significação de palavras (sinonímia, antonímia, paronímia). Feitura de cerca de 30 conjuntos completos de cartas seguindo os modelos apresentados pelos estagiários ("Mico Preto", "Dominó", "Jogo da Memória" e "Quarteto"). Os jogos resultantes dessa atividade devem integrar-se ao acervo de material didático da

escola, podendo ser posteriormente utilizados em recreações dirigidas durante horários ociosos, como, por exemplo, nas "janelas" de horário causadas pela ausência de professores.

CRONOGRAMA

	1ª semana	2ª semana	3ª semana	4ª semana
1º mês	Objetivos do projeto	Detalhamento do projeto	Conteúdos aplicáveis	Discussões em grupos
2º mês	Material para o jogo 1	Material para o jogo 2	Material para o jogo 3	Material para o jogo 4

3º mês	Modelo dos jogos 1 e 2	Tópicos gramaticais	Confecção do jogo	Jogo em sala de aula
4º mês	Modelo dos jogos 1 e 2	Tópicos gramaticais	Confecção do jogo	Jogo em sala de aula

ESTRATÉGIA

Os quatro modelos de jogos são apresentados à turma em duas etapas paralelas, cada uma com a duração de um mês, de acordo com os seguintes passos:

1ª aula: O grupo de estagiários conversa com a turma a respeito de jogos infantis de mesa, explicando-lhes a mecânica do "Jogo da Memória" e do "Mico Preto". Reunidos em pequenos grupos, os alunos testam a compreensão dessa mecânica com os jogos convencionais, sob a orientação dos estagiários (cada estagiário deve ter adquirido em loja de brinquedos um jogo de cada tipo, portanto haverá dez jogos sendo utilizados nessa sessão demonstrativa).

2ª aula: Exposição sobre um tópico gramatical passível de transformação em jogo (prefixação e sufixação, por exemplo). Seleção de outros tópicos igualmente adequados. Amostra de

“Jogo da Memória” e “Mico Preto” com conteúdo gramatical (cada estagiário deverá ter confeccionado um jogo completo de cada tipo). Troca de idéias em pequenos grupos sob a orientação dos estagiários. Avisar os alunos para trazerem material de desenho na semana seguinte.

3ª aula: Divididos em grupos de três ou quatro, os alunos planejam um jogo sobre conteúdo gramatical, com a assistência dos estagiários. É indispensável haver um dicionário em sala para consultas eventuais. Cada grupo tenta fazer pelo menos duas cartas do jogo planejado. Como tarefa de casa, cada aluno prepara um jogo completo. Os estagiários estabelecem com a turma os horários de atendimento extra-classe.

4ª aula: De posse dos jogos, os alunos, em grupos de três ou quatro, testam o material produzido em sucessivas partidas. Os estagiários circulam pela sala para manter a ordem e sugerir correções para os jogos defeituosos.

5ª, 6ª, 7ª e 8ª aulas: As aulas subseqüentes repetem o mesmo esquema das anteriores, apresentando os jogos “Dominó” e “Quarteto.”

5. CONCLUSÃO

Evidentemente, uma mudança na metodologia não vai constituir-se numa panacéia para as mazelas do estágio supervisionado das licenciaturas, tampouco será um passe de mágica a transformar abóboras da rotina de nossas escolas, pobres Cinderelas fadadas às migalhas da cozinha, em fulgurantes carruagens de sonho. Os problemas da educação em nosso país, todos sabemos, fazem parte de um contexto muito mais amplo e complexo. Por estarmos cientes dessa limitação, pretendemos que a presente proposta seja considerada dentro de suas modestas pretensões: como medida paliativa e experimental. O tempo dirá se os objetivos e esperanças serão concretizados.

NOTAS:

1. Nos novos currículos, em vias de implantação ou recém-implantados, a Prática de Ensino volta a cindir-se em duas etapas, como

- já fora anteriormente ocupando dois semestres de 04 créditos cada um.
- 2 Convênio celebrado entre o Município de Goiânia, através de sua Secretaria de Educação, e a Universidade Católica de Goiás, no primeiro semestre de 1985.
- 3 Vide "Proposta de Estágio do Departamento de Educação" (mimeografado), 1981; "Proposta de Estágio Supervisionado nas Habilitações e Prática de Ensino do Departamento de Educação" (mimeografado), 1984; "Proposta de Reformulação Curricular do Curso de Pedagogia" (mimeografado), 1985; "Orientações sobre o Estágio Supervisionado nas Habilitações (OE e AE) e a Prática de Ensino" (mimeografado), 1985.
- 4 FALEIRO, Marlene & TIBALLI, Elianda (coordenadoras) "Proposta de Estágio do Departamento de Educação" (mimeografado). Departamento de Educação da Universidade Católica de Goiás, Goiânia 1981, p. 2
- 5 Ibidem, p. 3.
- 6 CRAVEIRO, Clélia Brandão A. et alii (equipe elaboradora). "Orientações sobre o Estágio Supervisionado nas Habilitações (OE e AE) e na Prática de Ensino" (mimeografado). Departamento de Educação da Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 1985, p.2.
- 7 Em 1982 já se fez uma experiência nesse sentido, quando uma estagiária desenvolveu em uma escola municipal um projeto de redação criativa integrada a artes. O relato dessa experiência deve ser publicado proximoamente nos Anais do II ENPE.
- 8 O ideal seria primeiramente ir ao campo de estágio com os alunos detectar as deficiências das turmas e, a partir daí, montar os projetos de acordo com as necessidades das escolas. Contudo, vez que a disciplina Prática de Ensino é semestral, optou-se por utilizar subsídios hauridos em turmas precedentes, incluindo-se aí as sugestões apresentadas nos relatórios finais de estágio, para fins de economia de tempo e agilização do processo de trabalho efetivo.

RESUMEN

La autora describe como se procesa la práctica supervisada en las licenciaturas en la Universidad Católica de Goiás, dando realce al empeño del Departamento de Educación en sistematizar procedimientos y contornar dificultades. Llevando en cuenta la insatisfacción que viene caracterizando a los sucesivos grupos de alumnos de Práctica de la Enseñanza del Portugués, sumada a los numerosos problemas con que el practicante ha enfrentado en la escuela-campo, la autora propone una manera alternativa de práctica, por la ejecución de proyectos que suplementen las clases regulares del idioma portugués. El artículo finaliza con la transcripción de uno de los proyectos propuestos